



PRÁTICAS DE LETRAMENTO E APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM LE

Ilza Léia Ramos Arouche

Mestre em Linguística Aplicada

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (ilzaarouche@gmail.com)

RESUMO

O presente artigo é uma revisitação da dissertação de Arouche 2015, cujo objetivo é apresentar resultados parciais da pesquisa realizada em uma universidade pública no Maranhão. O referido trabalho está ancorado nos estudos dos novos letramentos em uma abordagem ideológica na qual se enfatiza o aspecto sociocultural das práticas de letramento e a pluralização do letramento (BARTON; HAMILTON, 2000) e na aprendizagem colaborativa, em que se fomenta a coconstrução do conhecimento a partir da interação (SWAIN, 2001). A pesquisa se configura como qualitativa e interpretativista, contemplando aspectos da pesquisa-ação. Os dados gerados, a partir dos relatos dos participantes, revelaram que as práticas de letramento proporcionaram aos alunos a aprendizagem colaborativa por meio da socialização de diferentes gêneros. Assim, tais práticas de letramento desenvolveram nos alunos habilidades linguístico-comunicativa na língua materna e na língua inglesa e os fizeram resgatar valores sociais e incentivaram o fomento da cultura local.

Palavras-chave: Práticas de letramento. Língua estrangeira. Aprendizagem colaborativa.

Introdução

Vivemos em uma sociedade e interagimos com os nossos pares por meio da linguagem, que se materializa em textos orais e escritos que se agrupam em gêneros. Nesse sentido, o letramento permeia toda prática, não importa qual seja a esfera da atividade humana – escola, trabalho, igreja, vizinhança, lar etc. Para exercer a cidadania plena, temos não só que dominar a tecnologia. Ser uma pessoa letrada significa fazer uso da escrita em diferentes situações e contextos sociais. Há uma diversidade de letramentos de acordo com o domínio em que ele se manifesta, portanto, a escola deve preparar o aluno para enfrentar esses eventos comunicativos em que a escrita se faz presente. Para tanto, são necessárias ações que promovam a aprendizagem colaborativa com engajamento dos aprendizes em interações significativas que favoreçam a coconstrução do conhecimento (FIGUEIREDO, 2014) e que sejam relevantes e tenham um fim social. Nesse sentido, os projetos de letramento cumprem essa função social.

A motivação para a realização deste trabalho foi pela constatação de que a prática da leitura no ensino superior geralmente está direcionada para desenvolver estratégias de leitura e habilidades linguísticas, tanto em língua materna quanto na LE, pois, a leitura, na maioria vezes, é desvinculada do contexto social. Isso reforça o que afirma Magalhães (2012), sobre o letramento autônomo ser

basicamente o eixo norteador do currículo do curso de letras, responsável pela formação do profissional de línguas. Sob essa perspectiva, as práticas de leitura em LE realizadas em sala de aula não são atrativas para o aluno, não promovem a autonomia e a criatividade, não ampliam a visão de mundo do aluno como deveriam, tampouco favorecem a aprendizagem colaborativa nas interações.

Diante do exposto, indaga-se se os gêneros que têm como base as narrativas podem favorecer letramentos e fomentar a aprendizagem colaborativa nas interações discursivas e como isso acontece. A questão norteia-se pelo seguinte objetivo: descrever e analisar os eventos de letramento, a partir das narrativas, naquele contexto acadêmico no ensino superior para compreender como ocorrem letramentos e aprendizagem colaborativa.

1. Reflexões sobre práticas sociais letradas

As novas teorias sociais têm quebrado paradigmas no que concerne ao uso da leitura e da escrita, concebendo-o como práticas sociais. Pesquisadores da área da Linguística e da Linguística aplicada, a partir de suas reflexões e aprofundamentos teóricos, têm avançado na construção dos conceitos de letramento. (STREET, 2012; BARTON; HAMILTON, 2000).

Barton e Hamilton (2000) apresentam dois conceitos fundantes do letramento em uma perspectiva social, eventos e práticas de letramento, e fazem uma distinção entre essas duas concepções. Para os autores, os eventos de letramento são as atividades em que o letramento tem uma função; portanto, a atividade se baseia em um texto escrito.

Para Barton e Hamilton (2000), as práticas de letramento são as maneiras como cada cultura usa o letramento. Os indivíduos tomam as práticas como referência quando participam de um evento de letramento, ou seja, as práticas norteiam as atitudes dos participantes nos eventos de letramento. Eles ainda asseveram que “elas são padronizadas por regras sociais que regulam o uso e a distribuição de textos, prescrevendo quem pode produzir e quem tem acesso a eles” (BARTON; HAMILTON, 2000, p. 7). Street (2012, p. 77) compreende as práticas de letramento como uma concepção cultural mais ampla de modos particulares de pensar sobre a leitura e a escrita e de realizá-las em contextos culturais.

1.2 Letramento, ensino e aprendizagem colaborativa na língua estrangeira

O ensino de línguas, para atender e acompanhar as transformações sociais e tecnológicas, precisa redefinir suas bases epistemológicas e ir além da transmissão de conteúdos linguísticos desvinculados do contexto político e social, ou ter um valor meramente “instrumental”, pois “as línguas não são meros instrumentos de comunicação, [...] elas são a expressão das identidades de quem delas se apropria”. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69). Isso se reflete em assumir um papel educacional, que contribua para a formação do indivíduo, que desenvolva a cidadania. |

Nessa perspectiva, a aprendizagem é concebida como um processo autorregulatório e dinâmico com um grau de complexidade, que se constrói individualmente por meio da interação e a partir da formação sócio-histórica e cultural. Ela ocorre durante a atuação dos pares, na realização de uma tarefa em colaboração (SWAIN; LAPKIN 1998; PINHO; LIMA 2015).

Assim, infere-se que a aprendizagem depende de fatores cognitivos e sociais; que cada aprendizagem é única e acontece de forma diferenciada de acordo com as experiências individuais e o contexto em que ela ocorre; que envolve pessoas que comungam um objetivo comum na realização de uma tarefa, seja intelectual, ou social.

O profissional de línguas pode aproveitar os momentos situacionais de uso de linguagem para promover atividades significativas em que os alunos troquem experiências e façam negociações e coconstruam o conhecimento. Assim, entendemos que a colaboração é a força motriz que promove a aprendizagem.

No nosso caso, a partir da execução de um projeto de letramento, os alunos vivenciaram vários eventos de letramento, nos quais desenvolveram algumas tarefas colaborativas. Por hora, destacamos a tradução dos contos dos escritores regionais para a língua inglesa, cujo intuito era dar visibilidade às obras literárias locais.

2. O Estudo

A pesquisa foi realizada em um campus de uma universidade pública, em uma cidade do Maranhão. Especificamente, com uma turma de sexto período do curso de Letras com habilitação em português/inglês e respectivas literaturas, do turno vespertino.

Para a análise dos dados aqui apresentados, foram considerados apenas dois eventos de letramento com seus respectivos gêneros: a leitura do conto da Vitória-régia traduzido para a língua inglesa e a tradução do conto de um escritor regional. No entanto, mostraremos apenas um.

2.1 Tradução dos contos

Após a leitura e discussão dos contos dos escritores locais, finalmente, os alunos estavam preparados para fazer a tradução. Eles decidiram fazê-la na íntegra. Foram 10 horas-aula dedicadas a essa atividade. A tarefa foi realizada em três etapas: na primeira, aconteceram discussões e

análises dos contos para que eles compreendessem a história. Assim, a tradução poderia ser mais próxima do original. Na segunda etapa, eles usaram dicionários e, em duplas, trabalharam nos contos e, no final, após feita a tradução, eles digitaram os contos no laboratório de informática e fizeram a revisão de concordância e adequação de vocabulário.

Excerto 1: relato da Amanda:

A leitura e a tradução dos contos foram, de certa forma um grande desafio, durante essas atividades enriqueci meu vocabulário, conheci novas palavras, e compartilhei com meus colegas as dificuldades que encontrei para a realização das mesmas.

A troca de experiências faz com que o aluno se sinta mais seguro para expressar as dúvidas e estabelece uma cumplicidade e parceria com o grupo. Isso implica em uma interação dialógica entre os pares que pode acionar saberes e desencadear a aprendizagem. Na fala de Amanda, fica implícito o quanto é importante a aprendizagem colaborativa para a construção do conhecimento e crescimento acadêmico. De início, alguns alunos tiveram dificuldades, pois não tínhamos o hábito de fazer tradução em sala, como demonstra Amanda “[...] compartilhei com meus colegas as dificuldades que encontrei para a realização das mesmas”. Os alunos buscaram superar suas deficiências com a ajuda de outros colegas, os quais trabalhavam conjuntamente, pois, na primeira fase da tradução, eles só tinham recorrido aos dicionários.

Para fazer a tradução, os alunos, no primeiro momento, não usaram somente dicionários convencionais, mas alguns recorreram a dicionários eletrônicos em celulares, além de terem a colaboração da professora. Podemos inferir que as trocas interacionais discursivas entre os pares promoveram negociação de significados que incidiram na aprendizagem da língua alvo (SWAIN; LAPKIN, 2001).

Excerto 2: depoimento de Marta

Marta: [...] depois de escolhido o texto tivemos que traduzir do português para o inglês em dupla, o que foi interessante tendo em vista que aumentou o poder de discussão a respeito de qual palavra seria mais adequada em determinado momento, e quando um não sabia podia recorrer a sua companhia ou até mesmo com o restante da sala então, foi muito proveitosa essa fase [...]

Um ponto a ressaltar é o espírito solidário do grupo. Aqueles alunos mais fluentes ajudavam os demais, buscando palavras no dicionário, sugerindo palavras e expressões de acordo o contexto da história como revela Marta “[...] quando um não sabia podia recorrer a sua companhia ou até mesmo com o restante da sala [...]”. Isso denota a aprendizagem colaborativa, pois os alunos coconstruíram o conhecimento, compartilharam informações. Os mais experientes, com o domínio maior do idioma alvo, ajudavam os que tinham limitações (FIGUEIREDO, 2014).

Ressaltamos, ainda, o modo como os alunos lidaram com a tradução na LE. Ela não foi um fim em si mesma para treinar habilidades linguísticas. Nem serviu apenas para conscientizar o aluno da diferença dos dois sistemas linguísticos. Seu propósito maior era de cunho social, fazer com que os estudantes tivessem acesso às obras dos escritores e refletissem sobre a cultura local.

Desse modo, o aluno estava sendo letrado na língua alvo e, ao mesmo tempo, exercia a cidadania.

Considerações Finais

Os resultados revelam que os participantes experienciaram situações discursivas que mobilizaram recursos, conhecimentos e estratégias e vivenciaram situações pedagógicas nas quais se priorizou o uso real da língua. Desse modo, percebemos que as narrativas lhes propiciaram o acesso à cultura local, fizeram os participantes refletir sobre alguns valores e, até, tomar posicionamento crítico frente a situações-problema em diferentes contextos de aprendizagem.

Os dados apontaram que a aprendizagem colaborativa consolida e reafirma as relações entre os pares e fomenta a solidariedade. Por exemplo, os alunos ajudavam-se mutuamente na tradução dos contos, na pesquisa da web, na elaboração dos slides, na organização do evento cultural e apresentação da mostra dos contos.

Um dos diferenciais deste estudo foi a implementação do projeto de letramento em que os participantes foram empoderados, sendo sujeitos na construção de sentidos sobre si mesmos e pelas suas ações. Eles foram se conscientizando que o ensino de uma LE pode ser concebido sob outras visões que não aquelas tradicionais, pautadas em regras gramaticais. O docente pode e deve elaborar seus próprios materiais, sem ficar restrito a recorrer apenas ao livro didático. A seleção e produção de materiais que sejam condizentes com a realidade dos aprendizes fazem com que eles se sintam desafiados e estimulados a aprender.

Referências

- AROUCHE, Ilza Léia Ramos. Letramentos em Língua Estrangeira no Ensino Superior: Práticas sociais e Uso de Narrativas para Ressignificação da Leitura em LE e Formação do Leitor Crítico. Dissertação de Mestrado, 2015. Dissertação de Mestrado, 2015.
- BARTON, D.; HAMILTON M. Literacy practices. In: BARTON D. et. al. **Situated literacies**. Reading and writing in context. London: Routledge, 2000, p.7-34.
- Figueiredo, F. J. Q.; Silva, Suelene V. A colaboração no ensino-aprendizagem de línguas em contextos tecnológicos: uma análise das interações entre aprendizes brasileiros e alemães. In: Simões, Darcília M. P.; Figueiredo, Francisco J. Q.(Orgs.) **Metodologias em/de linguística aplicada para ensino e aprendizagem de línguas**. Campinas: Pontes, 2014. p.73-91.
- MAGALHÃES, Letramento, Intertextualidade e Prática Social Crítica, In: _____. (Org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: mercado de Letras, 2012. p.17- 68.
- PINHO, I. C.; Lima, M. S. O uso da fala privada na colaboração entre aprendizes de inglês como língua estrangeira. In: Ferreira, M. M.; Martinelli, L. M. F.; Souza, J. A. R. de. **Ensino-aprendizagem de línguas e a teoria sócio-histórico-cultural e da atividade**. São Paulo: Humanitas, 2015.p.179-204.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola, 2013.

STREET. Eventos de letramento e prática de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: MAGALHÃES, I. **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores.** Trad. e org. I. Magalhães. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 89-92.

SWAIN, M ; LAPKIN, S. **Interaction and second language learning: two adolescent French immersion students working together.** Modern Language Journal, v.82, p.320-337, 1998.

SWAIN, M. **Integrating Language and Content Teaching Through Collaborative Tasks.** The Canadian Modern Language Review, v.58,n.1, p.44-63, 2001.